

## CATHERINE EARNSHAW: AS FACES DA OPRESSÃO FEMININA EM *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES DE EMILY BRONTË*

Ítalo Lima de Moura<sup>1</sup>  
Marília Lima Pimentel Cotinguiba<sup>2</sup>

**Resumo:** este artigo aborda aspectos da personagem Catherine Earnshaw que reflete a submissão feminina e a opressão que as mulheres estão sujeitas dentro de uma estrutura social preconceituosa e violenta. Esse debate só foi possível a partir de dois trajetos distintos, o primeiro foi através da leitura do romance *O Morro dos Ventos Uivantes* da escritora inglesa Emily Brontë (2007), o segundo foi por intermédio das aulas de Literatura e Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais na/da Pan-Amazônia do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia. O trabalho procura demonstrar aspectos das personagens que refletem perfis psicológicos autodestrutivos. Vários temas são abordados na trama e entre esses caminhos possíveis estariam a crueldade, a melancolia, o preconceito racial e a opressão feminina, contudo escolhemos trabalhar com este último, trazendo à tona os aspectos de uma sociedade machista. Da concepção sociológica e filosófica que está atrelada a obra, a autora salta para concepções claras de superioridade e inferioridade, utilizando-se de múltiplos narradores e de um protagonista, o Heathcliff, que tem traços marcados de crueldade e que posteriormente passa a exercer dentro desse contexto de exploração e segregação atitudes demarcadamente violentas. Pensado por estes aspectos este artigo está pautado pela análise das estruturas da narrativa feminista de Thomas Bonnici (2000)..

**Palavras-chave:** Opressão feminina; narrativa fantástica; melancolia; feminismo.

### INTRODUÇÃO

O romance *Wuthering Heights*, traduzido para o português como *O Morro dos Ventos Uivantes*, único romance da escritora inglesa Emily Brontë, foi produzido à luz da sociedade oitocentista, no ano em que foi lançado foi considerado um divisor de águas por tratar de tabus pouco explorados, até então, como o preconceito racial e a subjugação da mulher ao homem, exploradas e colonizadas não só por serem mulheres, como também, por concepções machistas da sociedade e da época, mas explicitamente no *Morro dos Ventos Uivantes* essa dupla colonização da mulher está expressa na violência física/moral e também na exploração econômica de Catherine Earnshaw por Heathcliff, que leva a cabo sua vingança contra os Earnshaw e os Linton, famílias que anteriormente protagonizaram os piores dias da sua vida,

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) – Porto Velho, Rondônia, Brasil – italo.limamoura@gmail.com

<sup>2</sup> Pós-doutora pelo Núcleo de Estudos Populacionais – NEPO/UNICAMP. Docente na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) – Porto Velho, Rondônia, Brasil – mpimentel9@gmail.com

colonizando-o e o explorando não só por ser estrangeiro, mas por que detinha características físicas que consideravam inferiores, está implícito o conceito racial na tessitura do romance.

Heathcliff entra na vida dos Earnshaw por intermédio do patriarca da família, citado no romance apenas com o nome de Mr. Earnshaw, que em uma de suas viagens para Liverpool encontra o menino sujo e com fome, trazendo-o para morar com sua família, o que gerou um certo desconforto no seu seio familiar, o seu filho Hindley passou a odiá-lo e perseguiu-lo por considerar que o menino teria tomado o seu lugar, Catherine, por outro lado, se compadecia do garoto e acabou criando um laço forte de amizade, embora esta tenha se recusado a dividir o quarto assim que ele tinha chegado ao Alto dos Vendavais<sup>3</sup>.

O romance tem como local de narrativa a Granja dos Tordos, propriedade dos Linton, e o Alto dos Vendavais ou Colina dos Vendavais, de propriedade dos Earnshaw, ambas famílias tradicionais do vilarejo típico de cidades interioranas da Inglaterra oitocentista. O romance tem como personagens principais a Catherine, Hindley Earnshaw, Heathcliff, Edgar e Isabella Linton, além de personagens secundários como Zillah, Joseph, Hareton, entre outros. Os narradores são Ellen Dean e o Mr. Lockwood, a primeira conhece toda a história dos Earnshaw e Linton, já o Mr. Lockwood narra a história das duas famílias após a sua chegada ao Alto dos Vendavais e após conhecer a história das duas famílias, principalmente após fazer amizade com Catherine Earnshaw, a herdeira das duas propriedades.

O romance tem início com a chegada de Mr. Lockwood ao Alto dos Vendavais que encara aspectos de narrador-personagem do romance, este passa a conhecer a história das duas famílias do lugar e conhecendo-a passa a contar como Heathcliff, de menino sujo e maltrapilho, se tornou rico e prestigiado no local e como conseguiu “subjugar e dominar” Catherine. A narrativa salta de um tom melancólico e triste para a trama da violência e vingança levada a cabo por Heathcliff. A narrativa é tecida por tons góticos dada a natureza do local, da narrativa fantástica e das questões que envolvem o preconceito racial, da repressão feminina, do machismo, da xenofobia, etc. É esse cenário conflituoso que pretendemos analisar neste artigo.

Nossa proposta é fazer uma abordagem crítica do romance à luz dos estudos pós-coloniais, discutindo a figura da violência e da opressão moral e física da mulher dentro de um contexto familiar conturbado, como no caso evidenciado com Heathcliff e Catherine Earnshaw, onde o primeiro exerce um papel de carrasco para com a segunda. Utilizaremos autores consagrados dentro do cânone literário e pós-coloniais como Thomas Bonnici (2000), Frantz Fanon (1990), Aimé Césaire (1978), Quijano (2000), entre outros.

---

<sup>3</sup> Nome da propriedade dos Earnshaw.

## **O FEMINISMO E A LITERATURA: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DE *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES***

O Morro dos Ventos Uivantes suscita várias propostas de abordagens e linhas de interpretação que vão das teorias feministas a crítica racial. Nesse limiar de possibilidades pretendemos analisar uma única personagem: Catherine Earnshaw. A forma como a estrutura familiar e machista lhe subjuga e impõe caracteres de dominação, exploração e violência. Aspectos das teorias pós-coloniais que afloram esse debate é expresso por Bonnici (2000) em *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*.

A Europa e as sociedades capitalistas dos séculos XIX levaram a cabo seu empreendimento colonialista que subjugavam nações inteiras aos seus interesses de capital e acúmulo de riquezas, essas sociedades lançaram mão de concepções acerca da inferioridade, da falta de humanidade, da religião e da moral para justificar tais abordagens. Os opressores lançaram-se a esses povos com uma ganância sem medida e destruíram nações inteiras como os Incas, Maias e Astecas na América Andina. Outras nações foram destruídas étnica e culturalmente como as sociedades Tupi-Guarani no Brasil. Após anos de exploração e dominação essas sociedades outrora colonizadas ainda são vistas com o espectro do atraso e do subdesenvolvimento.

A Europa e mais recentemente os Estados Unidos lançam ares de desprezo e uma forma recente de colonização, agora não mais explícita e escancarada de maneira alarmante, mas sim camuflada, institucionalizada e com bases na exploração capitalista recente, onde os países desenvolvidos subjagam os países subdesenvolvidos, os primeiros: a tecnologia, um empreendimento caro, o segundo: a agricultura e conseqüentemente uma moeda de troca mais barata. Os segundos serão sempre silenciados e não podem vislumbrar em momento algum, qualquer possibilidade de ascensão econômica e militar, serão sempre os celeiros do mundo, serão sempre explorados e nada mais.

Sendo assim, não é estranho que uma sociedade oitocentista com bases exploratórias, tradicionalistas, machistas e preconceituosas tenha lançado mão de um romance escrito e concebido através dessas visões arcaicas da exploração, da dominação e da subjugação da mulher, do estrangeiro (colonizado) e com ar de supremacia frente ao outro. Modelos bem explícitos de uma Inglaterra elitista, da supremacia branca fidalga rural, da exploração dos demais à luz do enriquecimento, são concepções já muito conhecidas e denunciadas nos estudos pós-coloniais recentes.

Essas concepções de caráter xenófobo e preconceituoso podem ser vistos no excerto a seguir:

“Mas que enorme descuido do irmão! exclamou Mr. Linton, voltando-se para a Catherine. « \_O Shieders (Schielders era o cura) já me tinha contado que ele a educa como uma perfeita pagã. Mas quem é este? Onde é que ela foi desencantar este companheiro? Ah, já sei! Aposto que é aquela estranha « aquisição» que o meu falecido vizinho fez na sua célebre viagem a Liverpool... Um degredado das Índias, de Espanha ou das Américas” (BRONTE, 1850, s/p.).

No excerto acima podemos perceber a maneira como os personagens se dirigem aos povos “colonizados”, e na exaltação que faz da religião, principal estância que logrou êxito na colonização dos povos ultramarinos, atribuindo-lhes valores pejorativos como estranhos, pagãos e degredados, falas essas que são vistas e expostas nas narrativas de viagens, nos relatos coloniais e demais produções de cunho histórico e literário que apresentam o outro como seres inferiores, bestiais e sem alma, atribuindo-lhes aspectos animais, essas são as aceções que pretendemos combater com os estudos pós-coloniais. Responder ao discurso do outro torna-se uma tarefa essencial, à medida que avancemos na desconstrução da imagem pejorativa que foi criada da Amazônia e do povo que vive nela.

Catherine passou um tempo hospedada na casa dos Linton e com eles aprendeu esses aspectos grosseiros e preconceituosos, ao passo que passou a ver Heathcliff com outros olhos e não mais como um amor possível. A partir dessas visões elitistas e preconceituosas negava a todo custo o sentimento que nutria pelo jovem, essa negação de sentimentos pode ser notada na maneira como ela passa a se dirigir ao jovem dizendo: “E é preciso que eu ande sempre atrás de ti? --perguntou ela, furiosa. --O que é que adianta? Tu não sabes falar de nada! Sempre que falas ou fazes alguma coisa para me distraíres, pareces um burro mudo ou uma criança pateta” (Brontë, 1850).

Césaire (1978) em o *Discurso sobre o colonialismo* concebe a ideia de que as sociedades que se lançaram a revolta nacionalista foram as que melhor utilizaram a composição de seu livro, escrito com bases para denunciar o contexto de exploração e dominação das sociedades colonizadas. Quando transpostos para a discussão acerca da colonização e da exploração da mulher Bonnici (2000) escreve que as mulheres das colônias foram duplamente colonizadas, por ser mulher e por ser mulher da colônia, ou seja, a mulher em um contexto de exploração colonial é pior que uma mulher das sociedades imperialistas.

Há um questionamento sobre as formas e modos literários de desmascarar os fundamentos masculinos do cânone<sup>4</sup>. Os debates acerca do feminismo trouxeram à tona

<sup>4</sup> BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: EDUEM, 2000. Op. Cit. p. 16

muitas questões que o pós-colonialismo havia deixado obscuras, porém, o pós-colonialismo ajudou o feminismo a precaver-se dos pressupostos ocidentais do discurso feminista.

Fanon (1990) tem demonstrado que “o colonizado pode ser reescrito na história” e que a descolonização sempre é um processo violento, esse colonizado só fala quando se transforma em um ser politicamente consciente de que enfrenta o opressor com antagonismo sem cessar<sup>5</sup>. Essas formas de opressão e de contatos violentos são expressas na obra *O Morro dos Ventos Uivantes*, na maneira como os Earnshaw recebem a criança órfã e estrangeira, e posteriormente na maneira como essa criança aprende a oprimir e passa a perseguir e humilhar Catherine Earnshaw, colonizando-a moralmente.

Heathcliff encarna aspectos do opressor colonizador e demonstra as bases morais e estruturais de uma sociedade colonizadora que impõe regras de conduta moral, comportamentais, falas e contextos exploratórios, rudes e violentos. Demonstra como um sujeito se reveste do poder e o usa para fins de obter lucros e vantagens. Não se importa com a figura do outro, com a integridade física e moral, seus interesses e desejos de vingança se sobrepõem a qualquer valor humano. Essas concepções contrastam com a ótica de Fanon (1990) que estabelece que “a descolonização é simplesmente a substituição de uma ‘espécie’ de homens por outra ‘espécie’ de homens” (p. 25). E essas relações substituem um contexto exploratório por outro contexto de exploração. O colono tira a sua verdade e os seus bens do sistema colonial, em outras palavras, ele depende desse cenário exploratório.

Fanon (1990) demonstra que “a descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser” (p. 26), tal qual é demonstrado por Brontë em seu romance quando concebe a figura de Heathcliff e Catherine, e como este primeiro modifica e estabelece novas formas de viver e de ser da personagem feminina. Quijano (2000) discute o ponto em que a colonialidade do poder concebe maneiras preponderantes para a irradiação de normas, conceitos étnicos/estruturais e manifestações culturais do dominador para o dominado, o que ele descreve como irradiações de colonialidades, nada mais que uma cultura se impondo sobre a outra, a fim de que se mantenha uma relação de dominação e hegemonia.

O que aparentemente é visto como uma vitória do dominado (Heathcliff) se converte em outra concepção de dominação, de subjugação e exploração, mudando-se as personagens, mas a história continua a mesma. Isso decorre na visão cíclica dos contextos e sociedades capitalistas em que os agentes históricos mudam de posições constantemente, um explora o outro em algum aspecto. Vencer esses desafios e esses contextos de explorações e

---

<sup>5</sup> Idem, op. cit. p. 17.

dominações do pensamento, das linguagens, dos comportamentos, dos costumes, das ações e reações é o desafio dos estudos pós-coloniais e descoloniais da contemporaneidade.

### **HEATHCLIFF E CATHERINE EARNSHAW: ASPECTOS DAS TEORIAS FEMINISTAS APLICADA AO MORRO DOS VENTOS UIVANTES**

Heathcliff foi adotado por Mr. Earnshaw e passou a morar com a família dele no Alto dos Vendavais, este fato gerou a contestação e revolta de Hindley, filho do casal Earnshaw. Hindley desconjurava e maltratava Heathcliff.

Heatcliff cresceu a sombra da margem, sendo maltratado e violentado constantemente pelo filho do patrão e pelos próprios empregados da casa. Esse contexto de humilhação gerou revolta no garoto que cresceu com um sentimento de vingança e desejo de que todos pagassem pelo que fizeram com ele, inclusive Catherine, a menina que cresceu junto com ele, que além da amizade partilhava de outro sentimento de afeição e de paixão.

Apesar de ambos se amarem, Heathcliff nutre o desejo de vingança para com a Catherine na medida em que ela cresceu e se tornou uma mulher rude, que ao invés de se casar e viver com ele, não pensou duas vezes em se casar e constituir família com Edgar Linton, que provinha de uma família tradicional, proprietária da Granja dos Tordos. Catherine desconjurava Heathcliff não só pela sua origem, quanto por seus traços e cor da pele, ela não vislumbrava a menor possibilidade de se casar com um rapaz como ele, preferiu se casar com um rapaz que lhe daria maiores prestígios e vantagens sociais. Esses fatos podem ser confirmados na fala de Catherine, ao dizer a Ellen Dean que tinha aceito o pedido de casamento do Edgar Linton ao afirmar que: “E porque ele vai ficar rico e eu hei-de gostar de ser a mulher mais importante das redondezas e terei muito orgulho no marido que arranjei” (BRONTE, 1850, s/p.).

Catherine confirma o seu amor por Heathcliff ao confessar para Dean, dizendo:

Os meus grandes desgostos neste mundo foram os desgostos do Heathcliff, e eu acompanhei e senti cada um deles desde o início; é ele que me mantém viva. Se tudo o mais percesse e \*ele\* ficasse, eu continuaria, mesmo assim, a existir; e, se tudo o mais ficasse e ele fosse aniquilado, o universo tornar-se-ia para mim numa vastidão desconhecida, a que eu não teria a sensação de pertencer. O meu amor pelo Linton é: como a folhagem dos bosques: transformar-se-á com o tempo, sei-o bem, como as árvores se transformam com o Inverno. Mas o meu amor por Heathcliff é como as penedias que nos sustentam: podem não ser um deleite para os olhos, mas são imprescindíveis. Nelly, eu \*sou\* o Heathcliff. Ele está sempre, sempre, no meu pensamento. Não por prazer, tal como eu não sou um prazer para mim própria, mas como parte de mim mesma, como eu própria. (BRONTE, 1850, s/p.).

Heathcliff acaba ouvindo boa parte deste discurso e da negação de Catherine de continuar nutrindo tais sentimentos e de voltar atrás com o casamento, fato que deixa o jovem completamente sem rumo, então ele decide ir embora em uma noite de fortíssimo temporal, dado que fez as duas senhoras temer por algo pior. Heathcliff fica longe durante três anos. Foi quando o rapaz volta para o Alto dos Vendavais e a primeira pessoa que foi encontrar foi Catherine que agora era esposa de Edgar Linton, o rapaz volta não mais como antes, agora rico e a fim de dar cabo a sua vingança contra todos aqueles que infernizaram a sua vida.

Heathcliff passa a pôr em prática suas ideias vingativas, primeiro foi o Hindley Earnshaw que era o herdeiro do Alto dos Vendavais, viciado em álcool e avançado na idade, Heathcliff ensinou o filho dele a ser rebelde e rabugento, rogando pragas ao pai, o que dificultou ainda mais o relacionamento entre os dois. Ao passo que após a morte do velho quem ficaria com o título da propriedade seria ele (Heathcliff), por isso ele fazia de tudo para se aproximar do menino, ganhar a sua confiança e o colocar contra o pai.

Depois casa-se com Isabella Linton e põe em prática seu segundo plano de vingança que era tomar a Granja dos Tordos e se tornar proprietário absoluto das duas propriedades e senhor das duas famílias, primeiro ele torna-se dono do Alto dos Vendavais com a morte de Hindley por complicações com o álcool, depois ele levaria a cabo seu desejo de tornar-se dono da Granja. Catherine, além de grávida do seu único filho, estava gravemente doente e acabou morrendo, na noite que estava desfalecendo nasceu a sua filha que foi batizada com o mesmo nome da mãe: - Catherine Linton.

A Catherine Linton passaria a ser o alvo das ideias vingativas de Heathcliff que faria com que o seu filho, o Linton, case com ela a fim de se tornar um possível herdeiro da fortuna dos Linton, ao passo que com a morte dele, o dinheiro iria para Heathcliff. Linton tinha sérios problemas de saúde e não durou muito, alguns anos depois de seu casamento com Catherine Linton (a herdeira da Granja dos Tordos), o rapaz acaba morrendo, a tutela de Catherine e a administração da Granja fica por conta de Heathcliff. Edgar e Isabella já não estavam mais vivos, aliás, Isabella morreu no parto do menino.

Foi assim que Heathcliff se tornou dono das duas propriedades depois de ter feito parentesco com as duas famílias, depois dessa rápida síntese pelo enredo da obra partiremos para o que de fato nos interessa, a relação de Heathcliff com a sua nora Catherine Earnshaw. Serão esses nossos objetivos nos próximos parágrafos.

É importante salientar que Bonnici (2000) estabelece que “a mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia”, ou seja, a mulher assume prerrogativas de uma mulher duplamente explorada. Mas se tratando de Catherine, que não é uma mulher da colônia, mas da metrópole, essas concepções devem ser remodeladas. A exploração de Catherine não se dá

pelo fato de ser uma mulher da colônia, mas pelo simples fato de ser uma mulher que se presta através dos laços matrimoniais, a adquirir direitos e sanções econômicas que desperta o interesse imediato do seu tutor. É dada a obedecer a parâmetros que lhes são impostos estando ela subjugada aos mandos e desmandos do proprietário.

Faces destes aspectos violentos e da desmoralização da mulher podem ser vistos no excerto a seguir:

- E a senhora, sua grande inútil... – vociferou quando entrei, voltando-se para a nora e empregando uma chusma de palavrões tão ofensivos que, normalmente por decoro, aparecem substituídos por travessões. (BRONTË, 1850, s/p.).

E Heathcliff continua com seus praguejamentos ao dizer que a jovem estava lá como sempre, com as suas manias de parasita e grita que enquanto os outros estão lá a trabalhar para ganhar o pão, a moça vive de caridade! Da sua caridade e a ordena que arrume as suas tralhas e que vá trabalhar, conclui dizendo que a mesma há de pagar pela praga de ter que vê-lo sempre a sua frente. Ora, basta nos recordamos de quem tramou tudo isso e de quem estava sujeito a tais acontecimentos ao tomar para si a responsabilidade de ter que conviver com a nora após a falta de seu filho, mas sabemos que o seu único interesse era nas cifras que tal união iria lhe render, dessa maneira, tudo o que fosse possível para tornar os dias da jovem insuportáveis seria feito e seria cumprido à risca, tal qual acontecera com o seu passado.

Bonnici (2000) nos alerta que é necessário empreender a igualdade feminina ou a luta contra o imperialismo presente na cultura ocidental. É importante que nos detenhamos na maneira como são expressas as relações de Catherine com Heathcliff nesse romance e sobretudo na imagem que se constrói da mulher dentro da sociedade inglesa, não se leva em conta nenhum aspecto da alteridade, as mulheres são vistas e dadas a ver como meros objetos, ora a fim de obter vantagens, ora para os afazeres domésticos, pura e simplesmente, nega-se qualquer qualidade a mais. Peterson (1995: 254) traz uma citação de Ngugi: “nenhuma libertação cultural sem a libertação feminina”. E é a impressão que queremos enaltecer, nenhuma mulher em contexto social e em época nenhuma deve se submeter a tal disparate.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher ao longo da literatura tem assumido diferentes rostos e faces, ora expressam o sublime, o belo e o romântico, ora encarnam as figuras diabólicas, o escárnio e o preconceito. São concepções que são dadas a conhecer das dicotomias e diferenças que a complexidade feminina nos leva a conceber. O fato é que as mulheres expressam anseios,

aspectos e sentimentos variados que foram objetos de refutações e conhecimentos ao longo de anos. A figura feminina é complexa e o papel que desempenham na sociedade, nos lares e no trabalho é feito com empenho e destreza dignos de sua astúcia e delicadeza.

Descrever a mulher, é descrever uma figura enigmática, mas os desafios maiores são sempre combater as visões pessimistas e da figura de objetos dado ao prazer masculino, com a qual são concebidas na literatura e fora dela, como se as mulheres fossem só um receptáculo vazio, a serem preenchidos pelas asperezas machistas daqueles que lhes despojam. As mulheres, em séculos de existência, têm demonstrado seus valores sociais e a sua importância dentro da complexidade que vivemos. A mulher não nos serve mais apenas para ideias preconcebidas de reprodução e objetificação, são bem mais que isso, e os exemplos são grandes, basta olharmos para o papel de destaque que muitas mulheres têm assumido na contemporaneidade e na chefia de muitos lares brasileiros.

Por isso a fala de Ngugi torna-se necessária e atual “nenhuma libertação cultural sem a libertação feminina”, e para essa libertação se dá de fato e de direito há que se vencer antigos fantasmas que ainda nos rondam, são eles os espectros da igualdade e de melhores condições de salários e jornadas de trabalho. Mas esse é só mais um detalhe na ponta do iceberg, os direitos femininos, via de regra, ainda tão bem longe de serem estabelecidos da maneira que pretendemos e na forma com que elas merecem.

Ao estabelecer paralelos da personagem Catherine Earnshaw do romance *O Morro dos Ventos Uivantes* com as teorias pós-colonialistas de Bonnici (2000) e Fanon (1990) pretendemos dar cabo dessas concepções elencadas anteriormente, fazer eclodir a voz daquelas que foram silenciadas por essas narrativas e a combater essas visões pessimistas e segregacionistas da mulher na literatura, principalmente aquelas produzidas na/da sociedade oitocentista com visões imperialistas intrínsecas em anos de história e dominação dos povos colonizados. Essas concepções acerca da mulher na literatura e do combate aos preconceitos e equívocos tem se constituído num divisor de águas para vencer antigos tabus perpetrados no tempo.

## REFERÊNCIAS:

BONNICI, Thomas. **O Pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura.** Maringá: Eduem, 2000.

BRONTE, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes.** Lisboa: Printer Indústria Gráfica S. A. edição 1850.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Augusto Sá da Costa Ltda. 1978.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

*Artigo recebido em 19/11/2019 e aprovado em 11/12/2019.*